



COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Os indicadores do emprego industrial mostraram, em maio, resultados negativos, acompanhando o menor ritmo de crescimento da atividade industrial. Na série livre de influências sazonais, entre maio e abril houve queda de 0,1% no contingente de trabalhadores, sendo esta a quarta taxa negativa consecutiva. Com isso, há uma perda de 1,1% no total de ocupados entre janeiro e maio deste ano. Na comparação com maio de 2002, a queda foi de 0,6%, no acumulado dos cinco primeiros meses houve ligeiro crescimento de 0,2%, enquanto no dos últimos doze meses, redução de 0,2%.

No confronto mensal, a taxa de -0,6% foi a segunda negativa consecutiva após cinco meses de aumento, consequência de reduções observadas em nove das quatorze áreas e dez das dezoito divisões industriais.

Ainda no confronto maio 03/maio 02, os estados da região Sudeste contribuíram com as participações mais relevantes no cômputo geral, com destaque para São Paulo (-1,8%) e Rio de Janeiro (-4,4%), o primeiro afetado por decréscimos observados em onze setores, especialmente máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-10,2%), enquanto no Rio, o principal impacto negativo veio de alimentos e bebidas (-9,8%), entre doze setores em queda. Do lado positivo, a região Norte e Centro-Oeste (5,4%) e os estados da região Sul, principalmente, o Paraná (4,3%), exerceram as principais influências positivas sobre o resultado global.

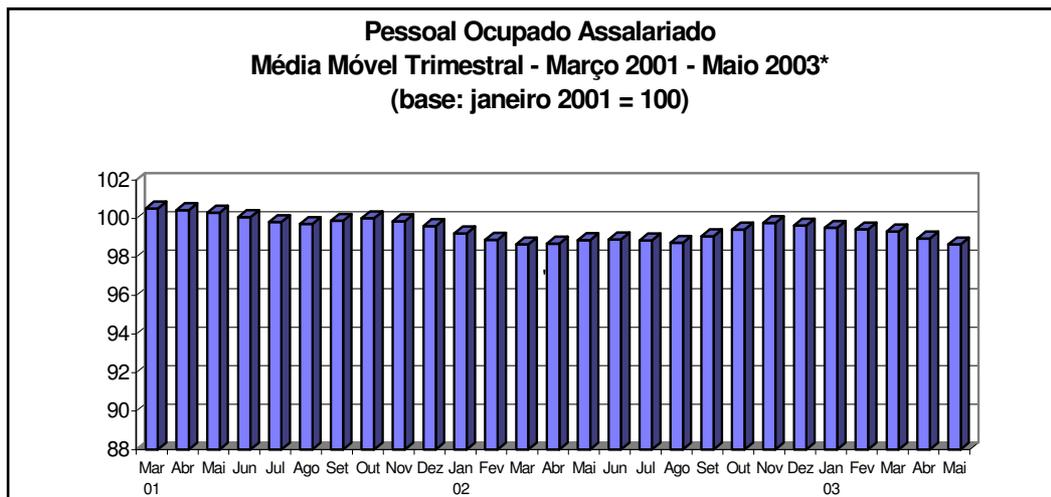
No total do país, dez ramos reduziram o número de empregados, com destaque para outros produtos da indústria de transformação (-9,1%), minerais não-metálicos (-6,9%) e papel e gráfica (-4,8%). Por outro lado, entre as atividades com acréscimo no nível de emprego, as

que tiveram maior peso nas contratações foram as de produtos de metal (10,8%) e máquinas e equipamentos-exclusive eletroeletrônicos e de comunicações (6,8%).

O indicador acumulado no ano, por sua vez, apontou ligeiro acréscimo de 0,2%, porém mostra uma trajetória de suave desaceleração. O número de admissões foi superior ao de demissões em cinco áreas e dez segmentos industriais, sendo este movimento mais nítido na região Sul (2,1%), Norte e Centro-Oeste e Paraná, ambos com crescimento de 4,6%. Na contramão destes resultados, a região Sudeste (-0,9%), Nordeste (-1,7%), mais os estados de Minas Gerais (-1,6%) e Rio de Janeiro (-2,9%) sobressaíram com as principais influências negativas. Setorialmente, em nível nacional, alimentos e bebidas (2,7%) e máquinas e equipamentos-exclusive eletroeletrônicos e de comunicações (7,2%) foram os setores com participação mais relevante entre os dez que cresceram, em oposição às pressões negativas de outros produtos da indústria de transformação (-8,7%), minerais não-metálicos (-4,8%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-3,8%).

Por fim, a taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, manteve-se estável entre abril e maio, ao registrar queda de 0,2% no total de trabalhadores.

Quanto ao movimento observado no gráfico de médias móveis trimestrais, em consonância com os resultados apontados nos demais indicadores, a tendência de desaceleração no emprego industrial foi se acentuando gradativamente, com o trimestre encerrado em maio 1,1% menor do que o encerrado em novembro.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

*Série com ajuste sazonal

FOLHA DE PAGAMENTO

A folha de pagamento dos trabalhadores da indústria exibiu, em maio, o segundo aumento real consecutivo na comparação com o mês anterior: 1,7%. No entanto, considerando o padrão de sazonalidade do período, maio mostra queda de 1,2% frente a abril para o valor real da folha de pagamento. Nas demais comparações, os resultados permaneceram negativos: -7,0% em relação a maio do ano passado, -6,9% no acumulado no ano e -4,3% no acumulado nos últimos doze meses. Por sua vez, o valor médio da folha de pagamento se elevou na passagem de abril para maio (1,3%), e se retraiu em relação a maio do ano anterior (-6,5%) e, também, nos indicadores acumulado no ano (-7,1%) e acumulado nos últimos doze meses (-4,2%).

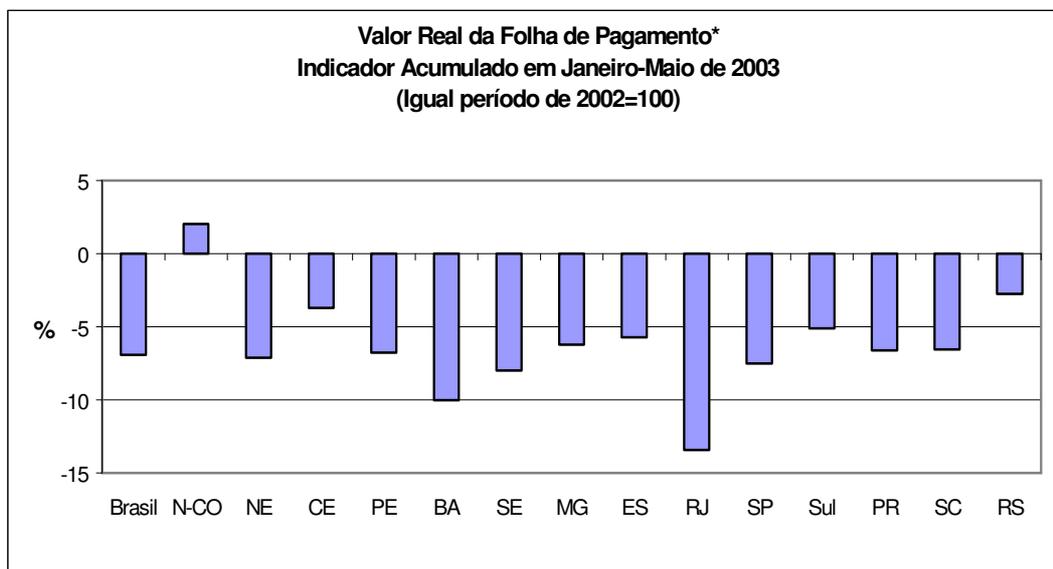
No confronto maio 03/abril 03, o crescimento de 1,7% observado resultou de expansões em doze dos dezoito setores e em, igualmente, doze das quatorze áreas investigadas. Em termos setoriais, destacou-se como o principal impacto positivo na formação da taxa global o setor de alimentos e bebidas (4,8%), e como o principal negativo o de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-3,8%). Regionalmente, os principais impactos positivos no cômputo geral se originaram nas indústrias de São Paulo (1,1%), e, conseqüentemente,

nas da região Sudeste (1,2%), ao mesmo tempo em que as maiores taxas de crescimento se verificaram nas indústrias das regiões Norte e Centro-Oeste (6,9%), e nas de Santa Catarina (3,7%) e Minas Gerais (3,5%). Em sentido oposto, a Bahia (-1,1%) apresentou a queda de maior expressão.

Na comparação com igual mês do ano anterior, a folha de pagamento encolheu (-7,0%), refletindo o efeito da inflação sobre o ganho real do trabalhador da indústria, uma vez que em termos nominais houve um acréscimo de 9,0% neste indicador. Setorialmente, há queda em dezesseis ramos, sendo a maior contribuição negativa para a consolidação desta taxa a originada em papel e gráfica (-16,8%), enquanto o maior impacto positivo partiu de refino de petróleo e produção de álcool (3,1%). Regionalmente, verificaram-se retrações na folha de pagamento em treze dos quatorze locais pesquisados, com São Paulo (-8,8%), e, por extensão, a região Sudeste (-8,7%), destacando-se pelas pressões negativas no estabelecimento do resultado global. Inversamente, a única contribuição positiva teve origem nas regiões Norte e Centro-Oeste (2,2%).

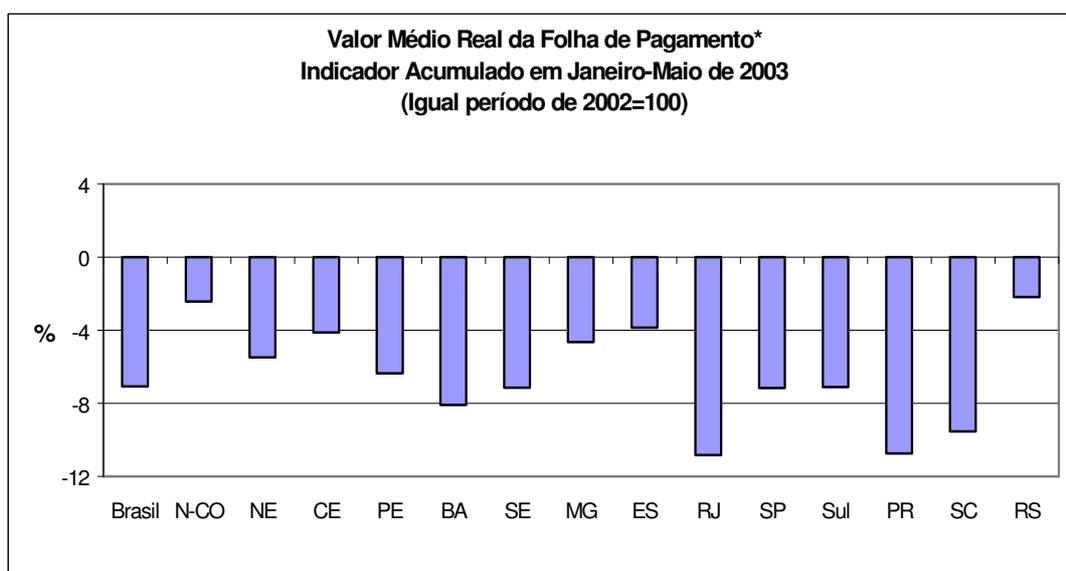
No indicador acumulado no ano, dezesseis setores mostraram reduções na folha de pagamento. Papel e gráfica (-14,9%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-13,2%) e minerais não-metálicos (-15,9%) responderam pelas maiores pressões negativas no estabelecimento do índice geral, enquanto alimentos e bebidas (0,8%) e refino de petróleo e produção de álcool (2,1%) deram origem às positivas. No que se refere à folha média de pagamento, os resultados são menos favoráveis: em todos os setores ocorreu recuo real. As quedas mais expressivas se deram nas indústrias do fumo (-23,1%), extrativas (-14,6%) e papel e gráfica (-13,0%). No corte regional, observaram-se reduções no valor da folha de pagamento em treze das quatorze áreas. Novamente, as indústrias de São Paulo (-7,5%), e, por extensão, as da região Sudeste (-8,0%), foram as que mais pressionaram negativamente o resultado global.

Positivamente, as indústrias das regiões Norte e Centro-Oeste (2,0%) foram as únicas que apresentaram contribuição.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria
* deflacionado pelo IPCA-IBGE

Já o valor médio da folha de pagamento mostrou queda real nos quatorze locais investigados, sendo as indústrias do Rio de Janeiro (-10,8%) e do Paraná (-10,7%) as que mais reduziram esta folha média.

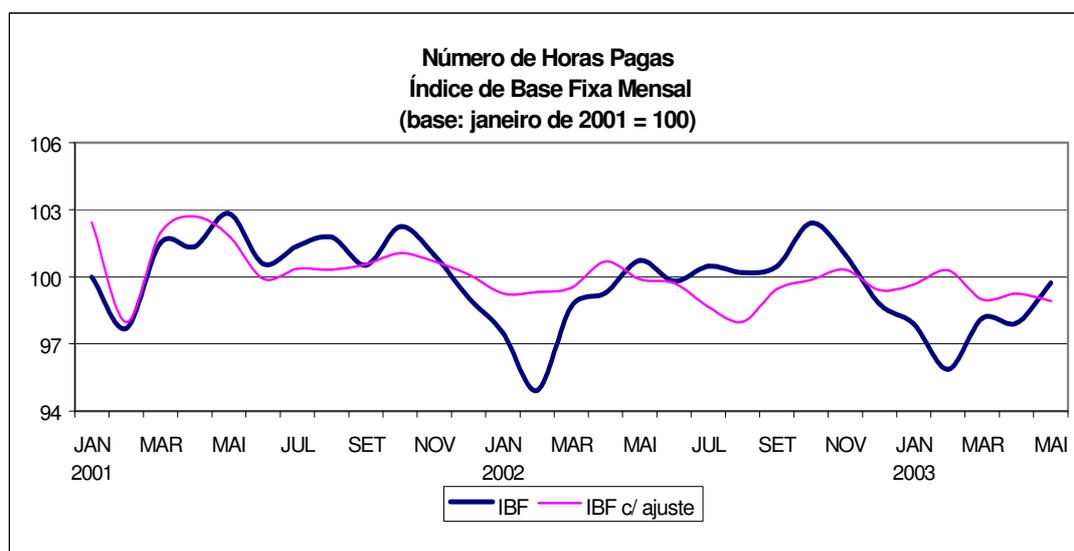


Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria
* deflacionado pelo IPCA-IBGE

Por fim, o indicador acumulado nos últimos doze meses mostrou, na passagem de abril para maio, uma acentuação no ritmo de queda tanto no total da folha de pagamento, que passa de -3,9% para -4,3%, quanto na folha média, que cede de -3,6% para -4,2%.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em maio, o indicador do número total de horas pagas na indústria cresceu 1,8% em relação ao mês anterior, resultado que se explica, em parte, por fatores sazonais, visto que maio tem maior número de dias úteis trabalhados que abril. Descontados esses fatores, as horas pagas assinalam ligeira queda de 0,4% em relação ao mês anterior. A comparação com maio do ano passado, aponta decréscimo de 1,0%. O acumulado do ano (-0,3%) mantém o recuo iniciado em abril (-0,1%), enquanto que o indicador dos últimos doze meses, apesar de negativo, aponta uma tendência de recuperação (-0,4%).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

O número de horas pagas recuou 1,0%, em relação a maio de 2002. Nove dos quatorze locais pesquisados mostram queda nas horas pagas. A redução observada ficou concentrada em três dos quatro estados da região Sudeste (-2,6%), por ordem de influência: São Paulo (-2,3%), Minas Gerais (-2,3%) e Rio de Janeiro (-3,8%). Com retração

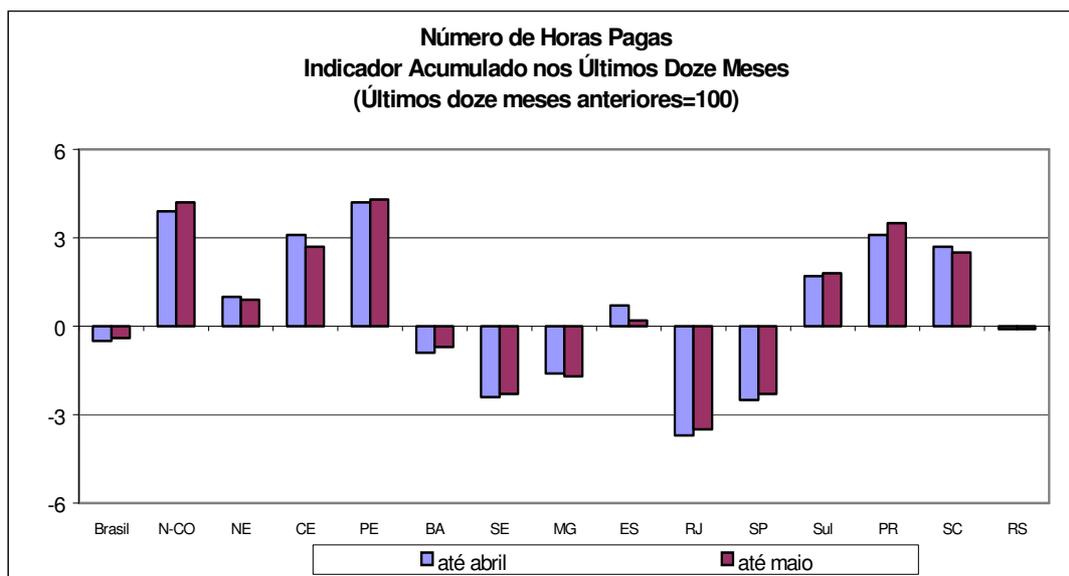
figuram também Região Nordeste (-1,5%), Rio Grande do Sul (-1,2%), Ceará (-3,9%), Espírito Santo (-4,5%) e Bahia (-0,7%), esse último, apesar de negativo, se situa acima da média nacional. Paraná (4,9%) e Região Norte e Centro-Oeste (4,1%) respondem pelos principais impactos positivos, beneficiados pelo aumento das horas pagas no setor de alimentos e bebidas, que atingiu 10,2% e 12,3%, respectivamente. Além destas duas áreas, há expansão também em: Pernambuco (3,2%), Região Sul (1,2%) e Santa Catarina (0,7%).

Setorialmente, ainda no indicador mensal, a principal pressão negativa, na redução das horas pagas, foi exercida, principalmente, pelo setor de fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-10,8%), seguido pelas indústrias de minerais não metálicos (-6,6%) e têxtil (-4,9%). Por outro lado, a maior contribuição positiva veio de produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos (6,6%).

O acumulado de janeiro-maio confirma recuo (-0,3%) no total das horas pagas. Por setores industriais, observam-se perdas na jornada de trabalho em nove ramos pesquisados. As reduções que mais influenciaram o resultado global são, também neste confronto, as registradas nos setores de fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-10,1%) e minerais não-metálicos (-4,5%). Em contrapartida, o desempenho do setor de alimentos e bebidas (3,2%) permanece como o principal responsável pela maior influência positiva no resultado global.

O indicador acumulado nos últimos doze meses ainda é negativo para o total das horas pagas (-0,4%), porém menos intenso que em março (-0,6%) e abril (-0,5%). No total do país, doze setores assinalam recuo nas horas pagas pela indústria. Neste confronto, o maior impacto negativo vem do ramo de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-8,8%) e, o positivo, no de alimentos e bebidas (5,2%). Regionalmente, a maior influência negativa é determinada pelos recuos observados em São Paulo (-2,3%) e, como

consequência, na região Sudeste (-2,3%). Com quedas figuram, ainda, Rio de Janeiro (-3,5%), Minas Gerais (-1,7%), Bahia (-0,7%) e Rio Grande do Sul (-0,1%). Os locais com desempenhos positivos são: Pernambuco (4,3%), região Norte e Centro-Oeste (4,2%), Paraná (3,5%), Ceará (2,7%), Santa Catarina (2,5%), Região Sul (1,8%), Nordeste (0,9%) e Espírito Santo (0,2%).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria